

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 números, e de 12\$000 por série de 26 números.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. — Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

AUGUSTO ROSA...	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
O NINHO	Adelino Fontoura.
PALINGENESIA	Sylvio Romero.
RECORDAÇÃO	A. A.
DE PALANQUE	Eloy, o heróe.
ACTUALIDADES. .	Gavroche.
UM PLEBISCITO LITTERARIO	Cosimo.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do

DR. JOÃO BAPTISTA CAPELLI

AUGUSTO ROSA

Jayme Victor, no seu livrinho o *Theatro portuguez no Brasil*, publicado em Lisboa, em 1887, e destinado a apresentar ao publico fluminense os artistas do theatro D. Maria II, d'aquella capital, faz um interessante estudo sobre Augusto Rosa, estudo que cabe perfeitamente nestas columnas, substituindo o costumado «esboço biographico».

Diz o elegante escriptor portuguez :

«E' o mais novo da familia, d'essa familia gloriosa de artistas. Foi dos Rosas o ultimo a apparecer, o que não quer dizer que fosse dos artistas o ultimo a chegar.

Ao contrario, poucos têm como elle chegado tão cedo. Lembro-me que, não ha muito ainda, uns oito annos, se tanto, Jayme de Séguier, divagando em torno d'este nome, sobre o qual se não reflectiam ainda os fulgores da gloria, dizia convicto: « Augusto Rosa não é nem podia ser ainda um actor consummado.»

E tinha razão. Tanta, que foi desde esse momento, tem sido no periodo decorrido até hoje, que no estudo, na observação, no desejo sempre crescente

de progredir, se têm avigorado e fortalecido as aptidões brilhantes do artista, cuja individualidade muito ao de leve tento fixar aqui.

Augusto Rosa chegou e chegou cedo á altura que, depois de um caminhar incessante e longo, cortado de todas as fadigas, rasgado por todos os espinhos, raras vezes chegam a attingir muitos em quem o talento sobra e a vontade não fallece.

Parece que a força providencial e invisivel que fez de seu pae um grande artista, depois de se ter hereditariamente transmittido ao filho, veio ainda impulsar Augusto Rosa e quasi de subito fixal-o n'aquella região que só é attingivel aos eleitos, aos consagrados.

São tão assignalados os progressos que n'estes ultimos annos Augusto Rosa tem feito, que elle póde gloriar-se de não ter hoje, no theatro portuguez, competidor no seu genero.

No seu genero ! Mas qual é o seu genero ?

Aqui estava eu a incorrer no vicio antigo que, seguindo uma classificação archaica, aprisiona cada artista n'um genero restricto.

Começou por se dizer com relação ao Augusto que elle era um *diseur*.

Este adjectivo significava alguma coisa, mas não era bastante.

Nas comedias em que entrava, nos monologos que dizia, Augusto Rosa tinha effectivamente levado a sua arte a uma tão aprimorada correccão, que, se lhe não competia aquelle qualificativo moderno, nenhum outro artista poderia julgar-se com direito a elle.

Comprehendendo as exigencias do publico que quer ver hoje no theatro a maxima naturalidade possivel, e a quem um gesto largo de mais e uma declamação exageradamente emphatica já não despertam o mesmo enthusiasmo que tantas palmas arrancava aos nossos paes, Augusto Rosa, tão á vontade na investidura do actor moderno, sabia traduzir com uma feição especial e caracteristica todas as subtilezas do papel, sublinhando com rara intelligencia as phrases intencionaes, percorrendo toda a gamma da mais vibrante e aprimorada dicção, e, sobretudo, mantendo tão firme, tão distincta a sua

linha, a linha de *gentleman*, que elle creára para si e que cercára de tanto estudo e de tantos cuidados, que ella bastou para accentuar-lhe a physionomia artistica e marcar-lhe no theatro portuguez uma individualidade caracteristica e incontestada.

*

Não cito aqui as peças numerosas em que entrou, desde a sua estreia no *Morgado de Fafe*, no theatro Baquet, do Porto, a 31 de Janeiro de 1872, tendo vinte annos.

Notarei apenas de passagem que estão ainda impressas no espirito de todos as primeiras figuras da sua galeria artistica, e que na *Côrte na aldeia*, na *Filha de Madame Angot*, *Filho de Giboyer*, *Um murro e um lenço*, *Meia azul*, *Castro & Filho*, *Campinos*, *Cunhado*, *Mantilha de renda*, *Conspiração na aldeia*, *Sociedade onde a gente se aborrece*, *Nadadoras*, *Illusões perdidas*, *Que sogra*, *Estrangeira*, e n'um sem numero de peças, emfim, se recorta na memoria a *silhouette* da sua figura distincta, e o relevo das suas interpretações primorosas.

No Gymnasio, na Trindade em D. Maria consagrou o publico d'estes ultimos quinze annos com os seus applausos o modernissimo artista, que tem dado á sua arte uma feição tão distincta e ao theatro um brilho tão puro.

*

Muito de proposito reservei para o fim o nome das ultimas peças em que tem papeis importantes Augusto Rosa: o *Príncipe Zilah*, *D. Cezar de Bazan*, o *Pariziense*, *Severo Torelli*.

Se no principio disse que elle chegára cedo aonde muitos não chegam nunca, que elle attingira o ponto culminante, é que me reservava para citar os titulos d'essas comedias. E nem mais uma palavra precisava acrescentar a quem uma vez tivesse visto o artista no desempenho dos principaes papeis que n'ellas lhe cabiam.

Aqui sim, aqui era estreito, limitadissimo, deficiente o tal adjectivo francez que era inseparavel do seu nome. Aqui o artista, encarnado nas suas personagens, despido da sua individualidade propria, traduz no *D. Cezar* todas as alternativas do seu espirito cavalleiroso e bohemio, é aventureiro e fidalgo, percorre na individualisação do seu heróe toda a escala dos sentimentos; no Barnabo Spinola, do *Severo Torelli*, passa do riso infame, de cynico, da ironia caustica á grandeza tragica do ultimo acto; no velho conde do *Príncipe Zilah*, que elle caracteriza soberbamente, consegue transmittir ao espectador uma profunda vibração dramatica; no *Pariziense*, de Gondinet, que é a corôa do seu repertorio tão vasto, Augusto Rosa sobe á altura dos grandes actores do theatro moderno, tão intelligentemente elle detalha e recorta os mais finos traços da personagem, com tão subido primor interpreta e reproduz na scena esta criação contem-

poranea, para a comprehensão da qual é necessario um grande talento de observador e um grande poder de artista.

*

O actor ahi o tendes, e nem tanto precisava dizer-vos, a vós que o conhecestes e considerastes dos primeiros entre os que ahi tendes applaudido. Do homem posso apenas asseverar-vos que por nenhum será excedido na delicadeza do tracto, n'uma facultade especial de se tornar sympathico e attractivo, e sobretudo n'uma alta distincção elegante, que lhe dá em a nossa sociedade um tom de pariziense.. a sua grande criação.»

Accrescentaremos que, depois de publicado esse artigo, escripto ha seis annos, Augusto Rosa tem cada vez mais affirmado a alta situação artistica de que goza no seu paiz, creando novos e importantissimos papeis, como no *Alcacerquibir*, de D. João da Camara, para só citar uma peça.

O seu retrato impunha-se á galeria do *Album*, como um *pendant* ao de seu irmão, o illustre João Rosa, publicado com o n. 37 d'este periodico.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

A capital da Republica dos Estados Unidos do Brasil está sendo bombardeada aos poucos, e as *glorias* d'essa façanha cabem a um brasileiro, a um official superior da Armada Nacional, ao Sr. Custodio José de Mello, — nome que foi pronunciado sempre com certa sympathia, e hoje é execrado por todos os brasileiros que se prezam de ser brasileiros.

*

Em 1711 o Rio de Janeiro foi bombardeado por Duguay-Trouin. O almirante francez, todos o sabem, quiz vingar a morte do seu compatriota Duclerc, e quiz mais seiscentos mil cruzados, cem barricas de assucar e duzentos bois; — que quer o almirante brasileiro?

Ninguem o sabe, nem elle proprio, talvez, pois que não o declarou no ridiculo manifesto que fez distribuir, e no qual o Sr. vice-presidente da Republica é accusado por actos praticados de collaboração com elle, Custodio, quando ministro, e ministro militar!

O heróe do Carrilhão da Lapa dos Mercadores foi para bordo do invulneravel *Aquidaban* ingenuamente persuadido de que as coisas se passariam como em 23 de Novembro, quando se tratava apenas de derribar um velho enfermo, investido de um poder ficticio, e completamente impopularizado pela dissolução do Congresso...

Encontrou homem pela proa, e começou então a despejar balazos contra esta população inoffensiva que, nos ultimos paroxismos do Imperio, tomava a si, generosa e sollicita, o pagamento das despesas feitas no Chile pelo commandante do *Almirante Barroso* e não approvadas pelo governo, — dando d'esse modo ao Sr. Custodio de Mello uma prova inolvidavel de sympathia, e vingando-o da desconsideração com que, n'um momento de máo humor, o tratára o illustre Sr. barão do Ladario.

Ahi tens tu, ó povo fluminense, como te paga esse homem : bombardeando-te!

*

Francamente : não mereciamos ser assim tratados. Não ha no mundo inteiro população mais ordeira nem mais sensata que a nossa. Mesmo ameaçada pela metralha fraticida dos revoltosos, ella tem ido para as suas occupações ordinarias. Fecham-se as casas onde a gente se diverte, mas não se fecham aquellas em que se trabalha. E bombardeia-se uma população assim !

*

Não sei quando nem como acabará esta pendencia estúpida, mas, tenha ella o fim que tiver, reflecta o Sr. Custodio de Mello que, se nos não trucidar a todos, se não transformar esta bella cidade em uma vasta e pestifera necropole — o que lhe será facillimo — talvez lhe saia caro pizar algum dia na terra que ensanguentou..

A.

O NINHO

E's como a doce jurity da matta,
Ligeira, esquiva, timida e medrosa :
Foges de mim tremente e suspirosa,
Como quem de um perigo se recata.

Mas não sei, afinal, criança ingrata,
Porque foges ; não sei porque, amorosa,
Tua alma casta, angelica e bondosa,
Com tão dura esquivança me maltrata.

Abre as azas á luz serenamente
E vem, fugindo aos gelos do deserto,
Buscar o sol do meu amor ardente ;

Dirige para mim teu vôo incerto,
Pois tens meu coração, pomba innocente,
Como um tepido ninho sempre aberto!

ADELINO FONTOURA.

PALINGENESIA

Sob esse titulo o nosso estimavel collaborador Leonidas de Sá vae entregar ao prelo um livro de critica, para o qual escreveu Sylvio Romero o brilhante prefacio que em seguida publicamos.

Os leitores do *Album* agradecer-nos-ão certamente essa pagina inedita do mestre que tanto honra as lettras nacionaes, e apreciarão a independencia, a sobrançeria e a elevação com que elle faz a autopsia moral do seculo XIX.

Tem a palavra o illustre prefaciador.

Leonidas e Sá não tem hoje o nome de um desconhecido. Varios e muito interessantes escriptos seus nos dominios da poesia e da critica hão merecido a attenção do publico legente. Apreciados nomeadamente na imprensa do Norte, os trabalhos do joven autor despertam a sympathia a que têm direito o seu talento cultivado, o seu espirito de analyse, a indole entusiasta de seu temperamento.

Acha-se actualmente de residencia n'esta opulenta e distrahida capital. Incumbio-me o papel de o apresentar a este publico illustrado, talvez, mas, por certo, não hoje muito preoccupado em coisas de lettras.

Aceitei a missão de paronymphal-o, com a condição, porém, de não exigir muito, senão da minha incompetencia, ao menos da especie de cansaço em que ora me acho, entregue ás afanosas lides do magisterio. Annuio, e teve a bondade, por me poupar o tempo, de fazer-me a leitura do mimoso livrinho que atrai agora á curiosidade geral.

Ouvi com a maxima attenção a rapida leitura dos poucos capitulos da *Palingenesia* : *Juvenal Galeno*, *A escola de Verlaine*, *Thaïs*, *Pierre Loti*, *Litteratura chineza*, *A obra de Balzac*, *Anthero do Quental*, *Notas litterarias*, *Notas sobre a Parahyba*, *No dominio da belletristica*, *Imagens e visões* e *Chrysophilas*.

E' uma ligeira serie de leves *silhouettes*, escriptas com estylo, com emoção, com essa graça especifica dos artistas despretençiosos.

O autor é ainda muito moço ; terá certamente de reforçar seus processos de analyse, seus methodos de interpretação, e modificar, talvez, muitas de suas ideias actuaes. Merece, porém, desde já, todos os preitos desinteressados que os amantes do pensamento gostam de tributar ás sinceras manifestações do talento.

Durante a leitura, a que assisti, no recolhimento exigido em circumstancias taes, a impressão mais viva que se me apoderou do espirito foi a de que o moço autor nos varios capitulos da *Palingenesia* toca por vezes no genesis e na evolução das diversas escolas litterarias em nosso seculo, n'este famoso *seculo das luzes* que está a findar.

Puz-me então naturalmente, e quasi fatalmente, a meditar sobre a evolução espiritual d'esta notavel phase da historia, e formulei irresistivel-

mente esta pergunta : de tantas agitações, de tantas lutas, que vae este seculo legar como definitivamente feito ao seculo que o vem substituir?

Tal o problema que me impuz a mim mesmo, e em cuja solução, inexacta talvez, incompleta certamente, venho palestrar com o publico, apresentando-lhe o esperançoso moço nortista.

O seculo se me apresenta como uma immensa ruina, um amontoado de destroços na ordem politica, social, litteraria, scientifica, philosophica, religiosa, montão informe e desconexo, onde apenas uma doutrina sobrenada e brilha sobre uma porção de factos observados com o fulgor das conquistas immorredouras.

Essa doutrina e essa porção de factos é que constituem o verdadeiro, o grande, o glorioso presente que o nosso tempo vae fazer ás edades do porvir.

Passeiemos atravez d'esses destroços.

Na ordem politica, quer na parte pratica da acção dos governos, quer na parte doutrinaria e scientifica, o seculo não fundou nada de definitivo e radicalmente estavel. Succedendo ao terrivel fracasso da Revolução, não achou logo, nem achou mais tarde, um caminho certo para trilhar. Attraído em direcções oppostas, ora sonhava com o *velho regimen* absolutista e enveredava pela senda das *reacções*; ora atirava-se aos azares do *liberalismo* e tentava o *systema parlamentar*, sempre incomprehendido pelas gentes do continente europeu e pelos povos da America; ora jogava-se ás experiencias insensatas nas mãos de phantasiosos reformadores e creadores de novos regimens e novas politicas.

Por isso agora, por isso hoje, que lhe faltam apenas seis annos para retirar-se da scena, que tem elle, que constituição definitiva organisou para dar ao seu successor?

Na America um *presidencialismo* despotico e manco, que nada resolve; na Europa o *despotismo russo*, o *grosseiro realismo politico allemão*, além de um *parlamentarismo* desgeitoso, por mal comprehendido, como disse.

Fóra d'ahi, existem apenas nos livros de reformadores obsecados as terriveis *dictaduras do patriato do dinheiro*, esperando sahir do limbo da theoria e ganhar o terreno da pratica, n'uma ameação de captivo.

Na ordem social a luta é ainda mais colossal, a incerteza mais vasta e o legado do seculo menos valido.

As immensas esperanças de Saint-Simon, de Babouf, de Owen, de Fourier, de Lerroux, de Enfantin, de Lasalle, naufragaram; a *Internacional* de Marx vacilla entre a utopia e o despotismo; o capital accumula-se na proporção de um pauperismo assombroso, que victima de alto a baixo o proletariado hodierno.

Na litteratura, ou na sua parte que se poderia chamar *dynamica e productiva*, ou na parte apre-

ciativa e reguladora, quer na poesia, no theatro e no romance, quer na critica, — houve mais de uma desillusão; o seculo caminhou sobre sarrafos, nada creou de immorredouro, de imperecivelmente fundamental.

Sobre o solo da rachitica litteratura da epoca napoleonica brotou um romantismo quasi sempre desequilibrado, doentio, hysterico, monomaniaco, cheio de nevoas, de insanias e poeira. Litteratura sem força, sem observação, sem verdade, litteratura de phrases vagas, de rhetoricas retumbantes, simples jogo verbal revestindo pieguices falsas, sentimentos de convenção. Tal a regra geral. E todavia, a phrase romantica, com todos os seus desmantelos, teve muito mais seiva do que os aridos e desageitados systemas que os substituiram.

Que dizer de um celebre, de um tristemente celebre *satanismo* de almanack que teve ali alguns mezes de voga? Que ficará de um fabuloso *scientificismo* poetico, que viveu tambem algumas semanas, e foi abysmar-se n'umas theogonias budhicas, n'uns genesis de contrabando, n'uns theorismos metrificados, mornos, vasio como uma cabeça de idiota?

Que ha de restar do decantado *parnazianismo* com suas rendinhas de cabello, seus lacinhos de fita, suas florinhas de miolo de pão, suas filigranas de sonhos e scismas, de vago, de nada, seus *bibelots* de vaporosidade e tolice?

Litteratura sem pensamento, sem nervo, sem paixão, sem alma, sem vida, bolor de um seculo que envelhecia; será no futuro um dos mais autenticos attestados da sua decadencia.

E o chamado *naturalismo*, com uma ou outra pagina sensata e vigorosa, porém cheio de grosserias, de declamações, de arremédos falhos dos processos da sciencia, em desrespeito á divina arte; com suas theses de encomenda, suas ideias preconcebidas, o culto mago do bello transformado n'um laboratorio de physiologia, ou de pathologia, porejando sangue e pus por toda a parte, photographia de um seculo grosseiro nos instinctos, rico de crimes, luxuoso, malbarateado e pedante.

E essa reacção ultra-idealista, esse fakirismo do pensamento e do affecto, litteratura de fumadores de opio, poesia da morfomania, etherisação da vida, nirvanisação da realidade, intitulada *symbolismo*, ou *decadentismo*, que vale elle, que valerá elle diante das grandes obras da Hellade classica, do Renascimento, do seculo XVIII, ou em face da poesia eterna de um Goethe, de um Byron, ou de um Heine?

Não sei que possa haver vacillação na resposta.

O seculo sente-se mal; é o velho aborrecido e decrepito, atordoando os sentidos, fumando o *narghileh* da illusão n'um delicioso retiro oriental, ao som das canções das bayadeiras... Já não é o soldado valoroso, que foi por pouco tempo, quando saudava as pyramides com o grande general, ou passeiava a ousadia e a coragem por todos os climas, em todas



Phototypia J. Gutierrez.

AUGUSTO ROSA

as zonas, entusiasta e crente, destemido e audaz.

Sua obra litteraria é volumosa, porém desequilibrada, superficial, falha. N'essa immensa montanha de papel, grande porção poderia ir para o fogo.

Se deixardes a litteratura creadora e olhardes para a critica, é igual o spectaculo.

Na critica da historia, na critica da arte, na critica das letras houve mais presumpção, mais affirmação caprichosa do que verdades definitivamente firmadas. A pretensão de fazer a mechanica do pensamento, de proceder á chimica do affecto, de desmontar um character, como se desmonta um aparelho de physica, tal pretensão não realisou, não teve verificação. Muito bonita na theoria, muito engenhosa como plano, muito captivante como promessa, muito agradavel para ler-se na decantada introducção á *Historia da litteratura ingleza* de Hyppolito Taine; muito enganadora na pratica, muito falha na realidade para quem se não paga de phrazes, quando se passa da these para a applicação, quando se passa dos prelininares para o corpo do livro. Isto com o grande mestre. Que não será com os outros, com os epigonos de toda a parte?

Na esphera da religião o seculo só ha de legar ao vindouro algumas moedas de ouro falso. Não se verificou a erradicação completa das fórmas compressoras do christianismo, nem sequer da fórmula catholica, como a critica chegou a affirmar nos primeiros decenios de nosso tempo. Não se realisou tambem a victoria dos novos credos da familia dos terriveis reformadores que tiveram em Saint-Simon o seu prototypo. Assaz conhecido é esse microbio devastador que d'esta epoca irá passar á vindoura para flagello da humanidade.

Não quero ainda mais uma vez estigmatizar-n'estas paginas.

Na philosophia e na sciencia, por entre muito disparate, ao clamor da bancarrota de cincoenta systemas erroneos, ou incompletos, ou desarrazoados, ou obstrusos, ou retrogados, avulta apenas a concepção *evolucionista*, como a expressão magna da intelligencia humana n'esta phase da historia, como a dadiva suprema de nosso seculo aos tempos por vir.

Timidamente presentida no seculo passado, foi em nosso tempo que a fulgente theoria, estribando-se n'uma multidão enorme de factos, espalhou-se por toda a area do pensamento, por todas as sciencias, por todas as creações da humanidade, desde a astronomia até a sciencia social, desde a physica até o direito, a moral, a politica, a linguagem, a arte.

Tudo se move, tudo se transforma, tudo se desenvolve, e as leis capitaes d'essa evolução estão descobertas, estão demonstradas.

Essa concepção, que na physica se chama o *monismo*, na biologia o *transformismo*, na philosophia geral o *evolucionismo*, penetrando cada vez mais intensamente por todos os recessos do pensamento, ha de originar um estado emocional corres-

pondente, e este ha de dar o tom, a nota predominante na arte, na litteratura do futuro.

O meu joven amigo, que, por muito moço ainda, ha de entrar certamente por muitos annos no seculo que está a chegar, terá de assistir talvez aos primeiros lampejos de uma arte, de uma poesia, de uma litteratura novas, tanto quanto n'este mundo estas velhas coisas podem ainda renovar-se. ,

Away!

SYLVIO ROMERO.

Rio, Julho de 1893.

RECORDAÇÃO

Quando eu vim da nossa terra
Murmurava toda a gente
Que estavas para casar.
A voz do povo não erra...
A causa, precisamente,
Que mais me fez emigrar,
Foi ouvir na nossa terra
Que estavas para casar.

Eu pedi-te as minhas cartas
(Segundo o systema antigo)
E me disseste a tremar:
« Não! eu não posso entregar-t'as;
Ficarão todas commigo;
Com ellas quero viver!
Mas vem cá... porque te apartas?
Tua, só tua hei de ser! »

Quando eu ia para bordo
Passei pelo teu sobrado
E te vi mais uma vez...
Com que prazer me recordo
Do teu sorriso magoado,
Da impressão que elle me fez
Quando eu ia para bordo
E te vi mais uma vez!

Parti. Dentro em poucos mezes,
Soube que tinhas casado,
Que morrêras para mim...
E eu, doido, que tantas vezes
Me imaginava a teu lado
Trocando beijos sem fim!
Quem padeceu mais revezes?
Quem tanto soffreu assim?

Eras o sonho doirado,
A visão formosa e doce
Dos meus annos juvenis;
Se me houvesse esperado,
Ditoso talvez eu fosse,
Talvez tu fosses feliz,
O' bello sonho doirado
Dos meus annos juvenis!

A. A.

DE PALANQUE

Não julgue o leitor que venho trazer para o *Album* a secção que, sob o titulo que serve de epigraphe a este artigo, mantive durante muito tempo no *Diario de Noticias* e no defuncto *Novidades*, — não: este é um *De palanque* esporadico, e pelo seguimento do artigo verá o leitor porque o intitulei assim.

Aproveito o ensejo para declarar — como já o fizeram diversos collegas da imprensa — que não sou o A. A. que assignou outro *De palanque*, esporadico tambem, que appareceu ha dias no *Correio da Tarde*. A Cezar o que é de Cezar.

*

Um amigo meu, que tem o bom gosto e a infelicidade — infelicidade transitoria — de morar na Tijuca, em logar aonde não vão as balas da esquadra revoltada, vio a sua casa invadida por mais de cem pessoas que, amedrontadas pela eminencia de um bombardeamento, lhe foram pedir abrigo.

O meu amigo, que é um cavalheiro muito distincto e conhece as leis da hospitalidade, não poude offercer refugio a tanta gente, mas está com trinta e tantos individuos de portas a dentro, sem contar a familia, que é numerosa.

Ha gente em todas as divisões da casa, inclusive no banheiro, transformado em quarto de dormir. Naturalmente não bastam as camas: uns dormem sobre canapés, outros sobre quatro cadeiras, outros no chão, em esteiras; a mesa da sala de jantar durante a noite serve de leito a oito pessoas; um dos hospedes, sujeito pequenino, accomoda-se perfeitamente dentro de um bahu de couro que encontrou n'um quarto destinado á arrecadação de coisas velhas.

*

Eu moro em Santa Thereza, n'uma casa muito exposta, mas não me mudo, não por fanfarronada, mas porque penso que na guerra é como na epidemia: a morte vae a quem toca. Olhem aquella pobre senhora portugueza: desceu do morro do Castello com medo ás balas, que têm manifestado singular predilecção pelas senhoras portuguezas, e foi morrer baleada na rua Sete de Setembro!

No famoso dia 13 uma granada do *Republica* passou a insignificante distancia de minha casa, cortou uma arvore na chacara do meu illustre vizinho Carlos de Laet, entortou o gradil do hotel Lisboa, e entrou na casa n. 29 da rua do Curvello, fazendo um grande rombo n'uma parede lateral.

Tenho offerecido a minha residencia aos amigos que desejem abrigar-se; nenhum se tem utilizado do meu offerecimento.

E' pena, porque ha cá um palanque, um delicioso palanque de onde avisto toda a bahia, e do qual

tenho estes ultimos dias assistido aos interessantes exercicios de tiro ao alvo com que a esquadra e as fortalezas regalam constantemente a nossa população.

*

Apezar de não ser semelhante espectáculo dos menos divertidos, faço votos para que cessem completamente as causas que o determinam, e venha a paz, a santa paz a que outr'ora se referiam as fallas do throno. E' tempo que o povinho deixe os morros e as praias pelos theatros, que actualmente não fazem para a despeza do gaz.

*

Tanto assim é, que a companhia do D. Maria II, de Lisboa, resolveu fazer as malas e partir, sem dar-nos o annunciado *Drama no fundo do mar*.

Os excellentes artistas pensaram, e pensaram muito bem, que o unico drama que agora nos interessa é esse que se está passando não no fundo mas na superficie do mar.

*

Faço votos para que venha a paz, disse eu; entretanto ha quem pense que a revolução vae durar ainda muito tempo. Para prova, ahi está um annuncio que a minha boa fortuna me deparou na *Gazeta de Noticias* de 22 do corrente:

« Alugam-se bons aposentos de frente, a pessoa de tratamento, com ou sem pensão, emquanto durar a revolução; para tratar, na rua de D. Affonso n. 26, Andarahy Grande. »

Esse annuncio suggerio-me a ideia de que, n'esta epoca de quebradeira, eu poderia talvez alugar tambem o meu palanque, não a medrosos, mas a curiosos, como certos moradores da rua do Ouvidor alugam as suas janellas pelo Carnaval.

*

Não vão agora pensar que foi maliciosa essa referencia ao Carnaval, referencia que aliás viria a pico, depois que o *Republica* se pintou de preto para confundir-se com as densas trevas da noite e passar incolume pela fortaleza de Santa Cruz.

*

A proposito d'esse acto de coragem do commandante Lara, dizia na rua do Ouvidor um incorregivel bohemio:

— Como invejo o *Republica*!

— Porque?

— Imagina que não tenho coragem de passar por casa do meu alfaiate!

ELOY, O HERÓE.

ACTUALIDADES

I

Paes e filhos se juntaram,
Cheios de susto e de anção,
Porque lhes annunciaram
N'essa noite um bombardeio.

Uma cadeira arrastada...
Qualquer rumor, parecia
A'quella gente assustada
Barulho de artilheria.

Com o fim de tranquillisal-a,
Exclama da casa o dono:
«Qual! hoje não mandam bala...
Vamos dormir... temos somno...»

Mal isto o velho tem dito,
Um grande tiro reboa:
Cada qual solta o seu grito,
E todos correm á toa!

Mas o molecote Alfredo,
Que é da casa o mais afoito,
Surge e diz: «Não tenham medo;
Aquella é o tiro das oito!»

GAVROCHE.

UM PLEBISCITO LITTERARIO

Os nossos collegas da *Semana* fizeram mal em perguntar aos seus leitores — quaes são os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza. Deviam ter perguntado quaes são os seis melhores romances brasileiros. Para que misturar a litteratura dos dous paizes? Que nos importam a nós os romances de Portugal?

O resultado foi esse que se vio: os caixeirinhos tomaram a coisa a peito, cabalaram, e abarrotaram a urna eleitoral da *Semana* com o nome de Eça de Queiroz. A litteratura d'essa gente começa do *Primo Basilio* para cá; da *sensação nova* para lá não conhecem elles nada, absolutamente nada. Nem mesmo Camillo Castello Branco.

*

Analysemos, entretanto, o plebiscito:

Na opinião dos votantes, os seis melhores romances escriptos em lingua portugueza são: em primeiro lugar os *Maias*, e depois o *Primo*

Basilio, as *Memorias posthumas de Braz Cubas*, a *Reliquia*, a *Mão e a luva* e o *Atheneu*. Admiram-me os votos dados a Raul Pompeia, o prefaciador das *Festas nacionaes*. O autor do *Cortiço*, a esse não perdoaram.

Convenham que esse resultado é simplesmente ridiculo. Deram o primeiro logar a um romance defeituoso, longo, penosamente escripto. O melhor romance de Eça de Queiroz, o *Crime do padre Amaro*, foi esquecido, ao passo que o *Primo Basilio*, um livro de escandalo, e a *Reliquia*, um primor, sim, mas que não é precisamente um romance, figuram com muitos votos.

Entre os romancistas portuguezes só acharam Eça de Queiroz. Os classicos foram desprezados. Não entrou na meia duzia *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro. Não fallo do *Descuidado*, de João de Barros, nem de outras velharias illustres.

Por ventura os *Maias* têm mais valor que o *Eurico* ou o *Monge de Cister*, ou mesmoo *Bobo*, de Alexandre Herculano? Valem mais o *Primo Basilio* e a *Reliquia* que as *Pupillas do sr. reitor* e os *Fidalgos da Casa Mourisca*, de Julio Diniz? E a *Mocidade de D. João V*, de Rebello da Silva?... e a *Adosinda*, de Almeida Garrett?... e a *Quêda de um anjo*, o *Amor de perdição* e outros romances de Camillo Castello Branco?... e o *Prato de arroz doce* e a *Ermitida de Castromino*, de Teixeira de Vasconcellos?... e o *Sargento-mór de Villar*, de Arnaldo Gama?... e tantos outros?...

Machado de Assis figura em terceiro logar com o seu immortal *Braz Cubas*, — está direito; mas a *Mão e a luva*, que apparece em quinto logar e o proprio mestre lamenta ter sido um romance escripto *au jour le jour*, prefiro *Helena*, do mesmo autor, os *Noivos*, de Teixeira de Queiroz, e não sei se diga o *Sello da roda*, de Pedro Ivo.

Alencar e Macedo não figuram na lista sextupla!

O *Guarany* e a *Moreninha* não valem nada.

Foram tambem esquecidas as *Memorias de um sargento de milicias*, de Manoel Almeida, e outros romances brasileiros justamente apreciados, como *Innocencia*, de Escragnolle Taunay, o *Ermitão de Muquem*, de Bernardo Guimarães, o *Matuto*, de Franklín Tavora, etc.

*

Mas a injustiça mais flagrante, mais clamorosa, mais tola, soffreu-a Aluizio Azevedo, o victorioso romancista brasileiro, que escreveu o *Mulato*, uma obra-prima, aos vinte e dous annos, sem nunca ter lido Balzac nem Zola, e presentou depois a litteratura do seu paiz com a *Casa de pensão* e o *Cortiço*, para não fallar de outros romances.

Não se comprehende que nessa eleição, organizada por uma folha litteraria, não figure o nome d'esse renovador, d'esse revolucionario do romance brasileiro, d'esse lutador, que apresenta á nossa mocidade o exemplo mais raro, mais edificante e mais glorioso do esforço intellectual.

COSIMO.

No *Pharol*, de Juiz de Fóra, encontrámos estas duas quadrinhas, offerecidas a uma menina por occasião do seu baptisado :

No alvo berço o anjo desperta,
No botão desperta a rosa;
Despertam ambos sorrindo
A' bençam da luz radiosa.

Anjo e rosa — no baptismo
Da alvorada os céos dispensam :
A' rosa — a bençam do orvalho,
Ao anjo — o orvalho da bençam.

RAYMUNDO CORREIA.

THEATROS

A *Sociedade onde a gente se aborrece*, de Paileron, foi muito bem representada, sabbado passado, no S. Pedro, pela companhia portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa.

João Rosa, Augusto Rosa e Brazão encarregaram-se dos mesmos papeis em que os applaudimos ha cinco annos, e cada qual se sahio melhor. Carolina Falco fez-nos lembrar, no personagem da velha viscondessa, a fallecida actriz Gertrudes, que era perfeita nesse papel. Vimol-a em Lisboa, ha onze annos, e na mesma occasião apreciámos Rosa Damasceno no papel de Suzana de Villiers.

N'aquelle tempo a distincta actriz dava perfeitamente a illusão da juventude; mas hoje... Que diabo ! onze annos... quasi a idade de Suzana de Villiers !...

A Dejaset foi um phenomeno, a Reichenberg é outro... mas os phenomenos são raros, como diria Mr. de La Palice.

*

Se não fossem as circumstancias do momento, o drama *Diogo Alves*, de Eça Leal, alcançaria no Recreio um prolongado *successo*. Tem todos os matadores, inclusive um bom desempenho de papeis, e magnificos scenarios, sobresaahindo o do 2º

acto, que representa os Arcos das Aguas Livres, de Lisboa, trabalho do scenographo Eduardo Reis.

*

A *Senhora sargenta*, interessante comedia de quiproquós, representada no Variedades, intitula-se em francez *Ragobert*, é de Paul Burani e Hyppolite Raymond, os felizes autores do *Piperlin*, e foi traduzida por Eugenio Marcondes, o nosso estimavel collega do *Tempo*, que nos perdoará a indiscrição.

A comedia foi bem representada, e servio de estreia a quatro artistas : Cardoso, Fernando Maia, Pereira de Almeida e Laura Brasão. Joaquim Silva teve as honras da noite, mas é de justiça não esquecer a endiabrada Lopicolo, que no 2º acto cantou com tanta graça uns *couplets*, que o publico obrigou-a a repetil-os.

*

Hoje, sabbado, os theatros estão fechados, e é natural que tão cedo não se abram.

Ninguem se anima a sahir de casa á noite. Depois das oito horas, o Rio de Janeiro toma o melancolico aspecto de uma cidade dezerta.

Já o outro dia dissemos que centenas de familias ha, que vivem exclusivamente dos nossos theatros. Imaginem os leitores a miseria em que toda essa gente é atirada pela revolta !

O Sr. Custodio de Mello é perseguido por um côro de maldições, entoado pelos actores, atrizes, coristas, musicos, machinistas, pontos, contra-regras, comparsas, bilheteiros, porteiros, fiscaes, alfaiates, costureiras, cabellereiros, aderecistas, carpinteiros, camaroteiras, puxa-vistas, etc. Não ha duvida : o *brav'amiral* está popularisado !

X. Y. Z.

Além dos jornaes e periodicos de costume, recebemos esta semana o *Rio Grande do Norte*, de Natal ; a *Actualidade*, de Valença ; o *Colombo*, do Rio Novo (Minas) ; o *Oeste de S. Paulo*, de Casa Branca ; a *Vida*, de Taboleiro-Grande (Minas), do qual é redactor o nosso distincto collaborador A. Foscolo ; o *Amigo do povo*, de Tatuhy ; a *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba ; o *Diario do Rio Grande* ; o *Jornal do Commercio*, de Porto-Alegre, etc.

O ALBUM, por emquanto, só é encontrado nos seguintes pontos de venda :

LIVRARIA LOMBAERTS, rua dos Ourives n. 7.
LIVRARIA ENCYCLOPEDICA de Fauchon e Comp., rua do Ouvidor n. 125.
LIVRARIA INTERNACIONAL, rua Nova do Ouvidor ns. 16 e 18.

Imprensa H. Lombaerts & C.